

FRANCISCO ANTÔNIO PIMENTA BUENO

QUANDO se fundou, a 25 de fevereiro de 1883, a Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro, entre os doutos que mais se dedicariam a contribuir para o seu engrandecimento, alistou-se FRANCISCO ANTÔNIO PIMENTA BUENO, a quem seriam confiados encargos de relevância na diretoria.

Assim reconheciam os consócios o saber e devotamento à agremiação nascente do tenente-coronel do corpo do Estado Maior de primeira classe, que possuía o diploma de bacharel em ciências físicas e matemáticas.

Não obstante descender de jurista de nomeada, agraciado pelo Imperador com o título de marquês de São Vicente, ao premiar-lhe a competência manifesta na magistratura, na administração, na diplomacia, no parlamento, preferiu FRANCISCO ANTÔNIO matricular-se na Academia Militar, onde se habilitou à prática da engenharia, mais do que ao manejo das armas.

Todavia, quando sobreveio o desafio de SOLANO LOPES, não faltou o seu concurso de lutador até que baqueasse, gravemente ferido, em Curuzu.

Cessada a guerra, tornou aos seus trabalhos profissionais, especialmente em São Paulo, onde se entregou a ocupações ferroviárias, ideando prolongar alguma de suas vias-férreas até Cuiabá.

Redigiu, a propósito, memoriais, em que patrocinava traçado a seu ver preferível, com tamanha convicção que, submetidos à apreciação do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, quando pretendu ingressar-lhe no quadro social, opinaria a Comissão de Geografia, pela palavra douta de CÂNDIDO MENDES DE ALMEIDA e GUILHERME S. DE CAPANEMA.

"As duas obras, pôsto que revelem incontestável merecimento de seu autor, não são, como os seus títulos demonstram, trabalhos propriamente geográficos e históricos.

Não obstante, força é confessar que alguma coisa há nelas a aproveitar com relação à geografia e história do território paulistano, e que convém acolher com muito reconhecimento tudo o que ali interessa ao programa e missão do Instituto, tendo-se em consideração o pouco que sabemos do território nacional, ainda à pequena distância do litoral".

Todavia, o parecer, datado de 14 de setembro de 1877, somente seria enviado à Comissão de Admissão de Sócios, em dezembro de 1883, depois que lhe coube missão de cunho mais geográfico, para examinar as condições econômicas de Mato Grosso, e indicar exequível comunicação com o litoral, através somente do território brasileiro.

Era incumbência que lhe aprazia duplamente, pelo assunto de sua predileção e pelo cenário, que lhe lembrava o berço distante.

Natural de Cuiabá, onde nascera a 10 de novembro de 1836, quando JOSÉ ANTÔNIO PIMENTA BUENO, seu pai, governava exemplarmente a Província, com a sagacidade eficiente de estadista abalizado, não consta que tivesse revisto a sua terra natal.

Consagrava-lhe, porém, tocante afeição, que iria facilitar-lhe o desempenho da incumbência.

Requisitado pelo Ministério da Agricultura, aceitou de bom grado a comissão, que lhe permitia balancear os recursos da Província estremecida.

E o relatório em que explanou, um por um, os quesitos das "Instruções" orientadoras dos seus trabalhos, adquiriu para logo feições de valiosa monografia, cujos diversos capítulos lhe refletiam diferentes aspectos, desde os fisiográficos até os atinentes à economia regional.

Para melhor exatidão no que afirmasse, valeu-se dos ensinamentos do venerando chefe de esquadra reformado, AUGUSTO LEVERGER, cujas pesquisas perseverantes, nos domínios da geografia e história, lhe granjearam o renome de maior conhecedor, em sua época, das peculiaridades de Mato Grosso.

Governantes recém-chegados à Província remota, viajantes empenhados em conhecê-la cabalmente, recorriam todos ao refúgio do estudioso, onde sempre encontrariam o esclarecimento de que necessitassem.

Ainda o alcançou PIMENTA BUENO em condições que não mal agouravam próximo fim, e expressamente o declara, por lhe ter proporcionado opulenta documentação, especialmente acêrca dos "Limites da Província de Mato Grosso".

Depois de apresentar, em síntese rápida, a "descrição do terreno", considerou as "vias de comunicação" existentes e propôs meios de melhorar-lhes as condições.

Os conceitos, aceitáveis por ventura na época, perderam em grande parte a sua valia.

Em certo lance, afirma: "o rio São Lourenço, mais possante do que o Cuiabá, oferece quilômetros de boa navegação, sendo um metro o seu menor fundo".

E tão convicto se mostrou da vantagem oferecida por aquêle rio, que até o indicou para via principal, com a "abertura da baía do Félix, aprofundando-se o canal natural de comunicação dessa baía com os dois rios e, nesse caso, os paquêtes, vindos do Rosário ou Paraná, podiam chegar até à entrada desse canal, no rio São Lourenço, cuja navegação é preferível à do rio Cuiabá".

Entretanto, sucessos ulteriores incumbiam-se de provar a inexecutabilidade irremediável do projeto, pois que através do furo da Boca-Brava, de que se gerou o rio Tarigara, o Cuiabá capturou o São Lourenço, que já não recebe, como outrora, o tributo do Piquiri, e assim perdeu quase a metade do seu volume primitivo.

Nem permitiria a baía do Félix, prolongada, de um lado ao rio Cuiabá e do outro, ao São Lourenço, canal trafegável por navios, sem constantes cuidados de conservação, que faltam ao primeiro.

O entusiasmo, porém, do engenheiro realçava o seu empenho em contribuir para a solução do problema que, decorrido mais de meio século, ainda continua a desafiar a decisão dos governos, a quem recomendou a estrada de Cuiabá por Sant'Ana do Paranaíba, a São Paulo, "que há de servir para o futuro caminho de ferro da Província".

Além do problema dos transportes, que tanto angustiava a população matogrossense, praticamente insulada no centro da América do Sul, com a via fluvial dependente de estranhas soberanias, analisou os aspectos econômicos da região, as riquezas naturais adequadas à utilização imediata, para indicar os melhoramentos de maior urgência.

E como reunisse documentos de valia, empreendeu a "Carta da Província de Mato Grosso", baseada em trabalho análogo de A. LEVERGER, além de outros, mais recentes, como a exploração do terreno, que pessoalmente executara até o Piquiri.

Para a época, seria a representação cartográfica mais próxima da realidade, que perderia além de um quartel do século, como fonte preciosa de consultas.

Bem aceita pelos competentes a sua contribuição cartográfica referente a Mato Grosso, não lhe faltaram incumbências análogas, comprovadas pelas que menciona o catálogo da Mapoteca do Itamarati, a saber:

442 — Mapa do Território das Missões, nos limites disputados entre o Império do Brasil e a República Argentina — 1886.

393 — Carta geral das fronteiras do Brasil — Limites com Guiana Francesa — Concluída em maio de 1887.

Por essa época, achava-se empolgado pela Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro, a cujas reuniões levava o resultado de suas pesquisas.

Lá comentou mais de uma vez as explorações a esse tempo efetuadas por K. VON DEN STEINEN na bacia do Xingu, donde voltou com observações meticulosas, que proporcionaram nova interpretação da etnografia brasileira.

Exaltava o concurso do sábio alemão, a quem negava, entretanto, a primazia no descobrimento do Xingu, devassado por algum viajante anônimo, que deixou o traçado fluvial, parecido com o que resultara das explorações recentes, conforme patenteava o mapa que lhe servira para o confronto.

No lance, revelou-se, ainda uma vez, a abundância das suas coleções cartográficas e documentais, de que sabia valer-se oportunamente.

Aliás, a Mapoteca do Itamarati menciona em várias das suas peças a observação: "da col. Pimenta Bueno", como a indicar a procedência, que, ainda por ventura atribuível, em algum caso, ao marquês de SÃO VICENTE, não admite em maioria semelhante hipótese, contrariada pela data, posterior ao seu desaparecimento.

Coligia escritos de natureza geográfica e histórica, oferecidos à Sociedade, muitos dos quais divulgou sua revista.

Aprezava-se no convívio dos seus colegas, quando, por novembro de 1887, recebeu a nomeação de presidente do Amazonas. Seria a sua derradeira transfiguração.

Militar, pelejara dignamente, quando assim o exigia o imperativo do patriotismo.

Engenheiro ferroviário, deixou o nome assinalado em estradas paulistas.

Geógrafo, elaborara o ensaio acerca de Mato Grosso, que serviria de justificativa às atividades desenvolvidas naquela Província.

Cartógrafo, o mapa que submetera à apreciação dos entendidos, perduraria por longo prazo, até a primeira década do século corrente, quando a Comissão Rondon empreendeu o ciclo de explorações memoráveis pela Rondônia, onde se patentearam impressionantes divergências entre a suposta hidrografia anterior e a que resultava de levantamentos cuidadosos, embora expedidos.

Cooperador eficiente da Sociedade de Geografia, animava com o seu exemplo o trabalho dos companheiros, a quem proporcionaria fartos elementos de consulta.

Governador, por fim, menos intensa manifestou-se-lhe a atuação.

Apenas permaneceu no exercício, de 10 de janeiro a 12 de junho de 1888.

Antes de completar o primeiro semestre, regressou ao Rio, onde afinal o dominou a doença, que o abateu, seis meses depois, à noite de 7 de dezembro.

Ao deplorar-lhe o desaparecimento, a instituição que ajudava a organizar, dedicou-lhe tocante homenagem, expressa em sua Revista, que assinalou:

"era um colaborador infatigável nos trabalhos técnicos e científicos da Sociedade, e possuía, além do conhecimento visual de grande parte do território do Brasil, uma quantidade importante de documentos históricos, que herdou de seu falecido pai, o venerando marquês de SÃO VICENTE, e muitos outros que adquiriu em sua vida, ou compôs em resultados das explorações de que se encarregou".

VIRGILIO CORRÊA FILHO



Francisco Antonio Pimenta Bueno